
Revista Sul e suas intenções à literatura

Airton da Silveira Filho¹

Beatriz Córdova Wandscheer²

Vera Cristina Caparica Ferreira³

Resumo: O presente artigo visa compreender o contexto do surgimento do Círculo de Arte Moderna e sua intenção no campo da literatura expressada na Revista Sul. Busca demonstrar a importância do Círculo de Arte Moderna e de seu veículo de comunicação, Revista Sul, para inserção da arte moderna no estado de Santa Catarina. Foram analisados artigos publicados por Salim Miguel e Aníbal Nunes Pires no primeiro número da Revista Sul.

Palavras chave: Revista Sul; Arte Moderna; Literatura; Santa Catarina.

Abstract: This article aims to understand the arising context of the “Círculo de Arte Moderna” (Modern Art Circle) and its intention in the field of literature expressed in Revista Sul magazine. This article outlines the importance of the Círculo de Arte Moderna as a means of communication used to insert Modern Art in Santa Catarina. Articles published by Salim Miguel and Aníbal Nunes Pires in the first edition of the Revista Sul were analyzed

Keywords: Revista Sul; Modern Art; Literature; Santa Catarina.

Antecedentes

O que os artistas fundadores do Grupo Sul pretendiam ao criar a Revista Sul é a questão que norteia esse trabalho. Antes de elucidar esse ponto traremos à luz o contexto em que esses artistas, ansiosos por renovarem o cenário artístico e intelectual catarinense, estavam inseridos.

Segundo a autora Lina Lemos no estado há um marasmo com relação às artes no começo do século XX. Os grandes expoentes catarinenses são Cruz e Sousa e Luís Delfino, contudo o primeiro teve sua obra reconhecida apenas após sua morte em 1898 e o segundo passou a maior parte de sua vida fora do estado e conseqüentemente seu trabalho foi produzido fora de Santa Catarina. Essa calma cessa com a criação da Academia Catarinense de Letras na década de 20. Ela é fruto de uma clara organização de indivíduos que pretendem impulsionar as artes no estado. Contudo, de acordo com a autora Lina Leal

1 Airton da Silveira Filho é graduando em História pela Universidade Federal de Santa Catarina. Email: Airtonsf@yahoo.com.br

2 Beatriz Córdova Wandscheer é graduanda em História pela Universidade Federal de Santa Catarina. Email: beacwan@gmail.com

3 Vera Cristina Caparica Ferreira é graduanda em História pela Universidade Federal de Santa Catarina. Email: veracristinafc@gmail.com



Sabino, existe uma nítida distância entre a intelectualidade de Santa Catarina e a dos centros maiores como Rio de Janeiro e São Paulo. Essa distância, Sabino denomina de atraso.

A década do nascimento da Academia Catarinense de Letras é justamente a do declínio das Academias em âmbito nacional, onde elas deixam de compor a vanguarda das artes, embora alguns vanguardistas estejam nelas. Justo no momento em que as Academias país afora deixam de ser referência, em Santa Catarina cria-se uma. Para completar a arte defendida pelos membros da Academia local era o parnasianismo-realismo. A semana de Arte Moderna produzia seus efeitos nos grandes centros com a arte moderna e os artistas locais sequer chegaram ao pré-modernismo.

Entretanto, é preciso problematizar o termo “atraso” que Sabino utiliza para qualificar os fundadores da Academia Catarinense de Letras. Sem sombra de dúvida em termos cronológicos a fundação da Academia local está atrasada com relação à Academia Brasileira de Letras, que é a referência nacional. Porém no que concerne a concepção de arte o termo “atrasado” pode remeter a ideia que virar a ser o novo, que com o tempo será moderno, irá se atualizar por meio do contato e do conhecimento. O que simplesmente não procede e elementos apresentados pela própria autora desmentem essa qualificação de “atrasados” aos artistas catarinenses. Os fundadores da Academia Catarinense pelo menos no campo da literatura, foco deste artigo, tinham pleno conhecimento da semana de Arte Moderna de São Paulo e da produção dos adeptos das ideias expostas nela, portanto os acadêmicos apenas não se apropriaram das inovações do modernismo.

Entre os elementos trazidos por Sabino está o encontro entre Graça Aranha, grande expoente do modernismo, e os acadêmicos Altino Flores e Othon d’Eça. Onde o modernismo e a Semana de Arte Moderna também foram temas do encontro e Flores foi presenteado por Graça Aranha com seu mais recente livro *La Bête Conquérante* com a seguinte dedicatória “A Altino Flores, pela arte moderna, com muita esperança”⁴. Tanto é uma questão de gosto e de convicção a não aceitação do modernismo quem ainda em 51 os acadêmicos criticavam a nova concepção, como é o caso abaixo onde Othon d’Eça lamenta em sua coluna do jornal O Estado a adesão de Manuel Bandeira ao modernismo.

Mas um dia a sereia do “modernismo” cantou na sua vida: - Manuel Bandeira não tivera as preocupações de Ulisses, apesar de sua idade e de

4 SABINO, Lina Leal. *O Grupo Sul*. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1979. p.14.



suas magníficas virtudes pessoais, foi arrastado para o fundo mar... E abandonou as altitudes e veio voar sobre lezírias⁵.

Com base nos trechos selecionados pela própria autora para compor sua tese fica evidente que os artistas catarinenses não ignoram a arte moderna. Eles simplesmente não a apreciam, a tomam como inferior ou como não arte. Portanto trata-se de uma escolha deliberada pelo parnasianismo-realismo. O historiador não é imparcial, possui inclinações e convicções, no entanto, deve evitar ser tendencioso para não possuir uma visão muito limitada do panorama de seu objeto de estudo. Adotar o termo atrasado para se referir à geração da década de 20 é olhar exclusivamente pelas lentes dos artistas modernistas, pois para estes os defensores do parnasianismo e do realismo são atrasados, assim como a arte que defendem. É crer que o que vem depois é necessariamente melhor do que existia antes.

Movimento Modernista

Em artigo publicado no jornal *O Estado de São Paulo* em 22 de fevereiro de 1942, quando a Semana de Arte Moderna completou vinte anos, Mário de Andrade escreve um longo texto sobre o evento e suas consequências. O autor, um dos principais responsáveis pela Semana de Arte Moderna e um dos grandes expoentes do modernismo, afirma em seu texto não haver espaço para abarcar a extensão e complexidade do modernismo, contudo enumera o que considera ser as conquistas essenciais dele: direito à pesquisa estética, atualização da inteligência artística brasileira e a permanência de uma consciência criadora nacional. Mário de Andrade admite que no passado alguns autores não modernistas possuíram essas características, porém eram ilhas isoladas, seres pontuais e espaçados no tempo. Portanto, muito longe de conseguirem desencadear um movimento que transformasse essas características em marca constante da produção artística nacional⁶. Para Mário de Andrade no Brasil, antes do Movimento Modernista, era lugar comum entre intelectuais e artistas a falta de iniciativa criadora, onde não se produzia algo próprio e tudo era cópia da Europa. Tratava-se da adoção de um academicismo europeu, com suas normas, leis e convenções sem levar em consideração as particularidades do país.

5 SABINO, 1979, p. 15.

6 ANDRADE, Mário. *Mário de Andrade e o Movimento Modernista*. Disponível em: <<http://www.vermelho.org.br/noticia/175420-11>> Acesso em: 06/11/2016.



Quanto à conquista do direito permanente de pesquisa estética, creio não ser possível qualquer contradição: é a vitória grande do movimento no campo da arte. E o mais característico é que o antiacademismo das gerações posteriores a da Semana de Arte Moderna se fixou exatamente naquela lei estético-técnica do fazer melhor, e não como um abusivo instinto de revolta, destruidor em princípio, como foi o do movimento modernista. Talvez seja este, realmente, o primeiro movimento de independência da inteligência brasileira, que se posta ter como legítimo e indiscutível⁷.

Ambiente de surgimento do Grupo Sul

Os fundadores da Academia Catarinense de Letras não foram adeptos da arte moderna, a grande contribuição desse grupo foi trazer para o debate as artes, em criar um ambiente e uma rede de contatos de discussão sobre o tema. As artes, principalmente a literatura, passaram a ter um espaço regular na sociedade, os imortais da Academia formavam um conjunto articulado para discuti-las e promovê-las, o que até então não existia no estado. Antes era apenas uma ou outra personalidade avulsa. Ou seja, esses acadêmicos conseguiram tirar as artes do campo da curiosidade e do superficial, conseguiram criar um ambiente onde elas passaram a ter relevância, as tiraram da categoria de acessório ao criarem um espaço exclusivo de encontro para elas: Academia Catarinense de Letras. Como bem ressalta Sabino na década de 20,

Na década de 20, quando surge. É um movimento renovador do ambiente cultural em que se instala, embora defasado em relação ao fazer literário brasileiro pois vive o Realismo/Parnasianismo enquanto o Modernismo efervesce em São Paulo⁸.

Na década de 40 uma nova geração de artista que assim como a anterior tem contato com a arte moderna, porém ao contrário desta aprecia essa nova estética e considera o cenário artístico catarinense monótono e decadente, pois ele ainda é o mesmo da época da fundação da Academia Catarinense de Letras (anos vinte) que por sua vez remete as produções nacionais do final do século anterior⁹. Essa nova geração olha para a Semana de Arte Moderna e para o Modernismo com os mesmos olhos que Mário de Andrade, da mesma maneira que este se expressa em seu artigo, tanto é assim que seu movimento leva o nome de

7 ANDRADE, Mário. *Mário de Andrade e o Movimento Modernista*. Disponível em: <<http://www.vermelho.org.br/noticia/175420-11>> Acesso em: 06/11/2016.

8 SABINO, 1979. p.22.

9 Ibidem, p.22.



Círculo de Arte Moderna e ela pretende trazer para o estado catarinense as três contribuições essenciais, citadas por Mário de Andrade, que o Movimento Modernista logrou estabelecer nos grandes centros como São Paulo, Rio de Janeiro e Porto Alegre.

Sabino rastreia o nascedouro dos modernistas do estado em novembro de 1946 no jornal *Folha da Juventude*, em seu primeiro número¹⁰. Nele, o jornal oferece seu espaço a todos os clubes de jovens, uma clara intenção do periódico em renovar as artes. Neste mesmo jornal, já na edição de número cinco aparece o nome *Círculo de Arte Moderna* que virá a ser conhecido como Grupo Sul, como bem explica Sabino:

Localizamos no *Folha da Juventude* nº 5, de julho de 1947, um artigo intitulado “Dois prêmios literários”. Comenta o fato de que Aníbal Nunes Pires, com o conto “Cafezinho de visita” e Antonio Paladino, com “A morte do vovô”, foram premiados pela Revista da Semana. O artigo vem assinado por Ody F. e S. (Ody Fraga e Silva) e a assinatura é seguida desta informação: “do Círculo de Arte Moderna”. Ao final do texto lê-se uma nota da redação referente aos dois autores premiados: “Ambos fazem parte, também, do Círculo de Arte Moderna”¹¹.

O jornal *Folha Juventude* é o órgão oficial da Associação da Juventude Catarinense que com o apoio da Imprensa Oficial do Estado consegue publicar seis números¹². Os encontros tanto de discussão quanto de boêmia promovidos pelo grupo já não são o suficiente, pois há a necessidade de atingir o público. Dessa necessidade surge o grupo Círculo de Arte Moderna, entre os fundadores estão Salim Miguel, Ody Fraga, Antonio Paladino e outros.

No primeiro semestre de 1947 surge outro jornal, *Cicuta*¹³, amador e datilografado também foi produzido por membros do Círculo de Arte Moderna, contudo sua tiragem era muito menor e distribuída apenas a alguns poucos. Até porque o teor ácido e a sátira contida nele o impediria de passar pela censura¹⁴.

No mês seguinte à publicação do quinto número do *Folha da Juventude* e a última edição do *Cicuta*, em 23 de agosto, Salim Miguel escreve em *O Diário da Tarde* o artigo *Círculo de Arte Moderna*. Nele condena o marasmo da cultura catarinense e a necessidade de

10 SABINO, 1979, p. 26.

11 Ibidem, p. 26.

12 Ibidem, p. 30.

13 Ibidem, p. 41.

14 Ibidem, p. 45.

abandoná-lo, além de afirmar que os jovens do Círculo de Arte Moderna vão tomar providências nesse sentido¹⁵.

A Revista Sul

Os membros do Círculo de Arte Moderna já estavam desejosos de possuir sua própria revista, a exemplo do que ocorria em outras partes do país e do exterior. Pois, cabe lembrar que o jornal *Folha da Juventude* pertencia à Associação da Juventude Catarinense, embora alguns membros do Círculo fizessem parte da AJC, o veículo não era exclusivo.

O ano de 1947 foi o período de formação do Círculo de Arte Moderna e ao se perceberem articulados trabalharam para possuir um veículo próprio por onde exprimiriam suas ideias e concepções sem precisar persuadir pessoas que não compartilham de seus ideais a lhes cederem algum espaço. O trecho selecionado traduz bem a intenção e a necessidade sentida pelos os membros do Círculo.

De fato, jornais e revistas não são, no mais das vezes, obras solitárias, mas empreendimentos que reúnem um conjunto de indivíduos, o que os torna projetos coletivos, por agregarem pessoas em torno de ideias, crenças e valores que se pretende difundir a partir da palavra escrita¹⁶.

Pela elucidação dada utilizaremos o primeiro número da publicação onde, de forma mais evidente, os autores da *Revista Sul* apresentam suas intenções e ideias. A primeira página da revista aparece um artigo sem título assinado por Aníbal Nunes Pires, porém no índice da revista o artigo aparece com o título *Apresentação*. É justamente o que ocorre nesse artigo, é o primeiro do primeiro número e tem como objetivo esclarecer as pretensões do Círculo de Arte Moderna com a *Revista Sul*.

Aníbal Nunes Pires não faz um ataque frontal à arte vigente e tão defendida pelas gerações anteriores. Em nada lembra os deboches, os escárnios e a críticas ferrenhas dos modernistas da semana de 22. O tom é brando e cordial. Pode ser que a censura e a necessidade de utilizar a Imprensa Oficial do Estado tenha contribuído para o tom ameno. Contudo, não é possível reduzir somente a isso ou mensurar essa influência. A evidência que temos que a censura era algo a ser considerado é o fato dos autores do jornal *Cicuta*, que

15 Ibidem, p. 27.

16 LUCA, Tania Regina de. Fontes Impressas. In: PINSKY, Carla Bassanezi. *Fontes Históricas*. 3º edição. São Paulo: Contexto, 2015. p.140.



posteriormente integrarão a *Revista Sul* sequer tentaram publicá-lo oficialmente por considerarem que jamais passaria pela censura ou terem escrito em tom semelhante, cheio de escárnio e críticas irônicas, em outros periódicos.

De início, Pires deixa subentendido que as artes anteriores às tidas como modernas não são mais o suficiente para representar a sociedade e satisfazer os seus anseios. Essa é a crítica apresentada à geração fundadora da Academia Catarinense de Letras. Não há um repúdio a ela, mas uma afirmação que seus ideais não bastam mais.

No mesmo texto, Pires, defende os modernistas de seus críticos nos seguintes termos.

[...] quando corremos em busca do seu conceito mais perfeito, mais humano, mais de acordo com as verdades atuais, mais liberta, mais Arte mesmo, somos acusados de iconoclastas, destruidores atômicos de tudo quanto nos legaram nossos antepassados. Absolutamente. Agradecemos sinceramente, o que nos legaram. Mas só admiramos e agradecemos àqueles, de cujas obras o tempo fez a sua admirável seleção. Não negamos que os modernos não façam trabalhos medíocres. É muito mais fácil ser medíocre numa época de renovação, mas deixemos que o tempo continue a ser o juiz, ele fará a seleção, consciente e imparcialmente¹⁷.

A resposta de Aníbal Nunes Pires evidência que as críticas desferidas contra a arte moderna na década de 20 ainda continuam vivas, apesar de ter decorrido mais vinte anos. Em resposta, utiliza a expressão “verdades atuais” entre outras para afirmar que o modernismo é necessário para abarcar novas visões e necessidades, o que a arte de então já não era capaz. Quando acusado de ingratidão com os antepassados, rejeita a crítica dizendo reconhecer os grandes trabalhos. Por fim, demonstra criticidade ao alegar que obras modernas são passíveis de mediocridade. O texto de apresentação da *Revista Sul* ganha mais importância devido ao fato de seu realizador ter sido o diretor responsável por todas as trinta publicações da revista. A tabela a seguir apresenta o número de publicações e os respectivos anos de maneira detalhada, com o número de revistas publicadas e seu tempo de existência, números publicados em cada ano, diretor ou diretores responsáveis por cada publicação, além da formatação das revistas¹⁸.

17 PIRES, Aníbal Nunes. Apresentação. *SUL Círculo de Arte Moderna*. Florianópolis, ano 1, nº 1, p.1, janeiro de 1948.

18 SABINO, 1979. p.47.



Tabela 01: Revista Sul – detalhamento de publicações

Ano	Nº	Mês	Ano de publicação	Diretores	Formato em cm	Nº de páginas
I	1	Jan	1948	Aníbal Nunes Pires	23x32	16
I	2	Fev	1948	Aníbal Nunes Pires	23x32	16
I	3	Abr	1948	Aníbal Nunes Pires	23x32	16
I	4	Jun	1948	Aníbal Nunes Pires	23x32	16
I	5	Ago	1948	Aníbal Nunes Pires	23x32	16
I	6	Dez	1948	Aníbal Nunes Pires, Hamilton Valente Ferreira	23x32	20
II	7	Fev	1949	Aníbal Nunes Pires, Fúlvio Luiz Vieira	23x32	20
II	8	Abr	1949	Aníbal Nunes Pires, Fúlvio Luiz Vieira	23x32	22
II	9	Ago	1949	Aníbal Nunes Pires, Eglê Malheiros Ody Fraga, Sálvio de Oliveira	23x32	24
II	10	Dez	1949	Aníbal Nunes Pires, Eglê Malheiros, Ody Fraga	23x32	28
III	11	Mai	1950	Aníbal Nunes Pires, Archibaldo Cabral Neves	23x32	28
III	12	Out	1950	Aníbal Nunes Pires, Archibaldo Cabral Neves	23x32	32
IV	13	Abr	1951	Aníbal Nunes Pires	16x23	64
IV	14	Ago/Set	1951	Aníbal Nunes Pires	16x23	68
V	15	Mar	1952	Aníbal Nunes Pires	16x23	72
V	16	Jun	1952	Aníbal Nunes Pires	16x23	88
V	17	Out	1952	Aníbal Nunes Pires	16x23	80
V	18	Dez	1952	Aníbal Nunes Pires	16x23	72
VI	19	Mai	1953	Aníbal Nunes Pires, Salim Miguel	16x23	56
VI	20	Ago	1953	Aníbal Nunes Pires, Salim Miguel	16x23	72
VI	21	Dez	1953	Aníbal Nunes Pires, Salim Miguel	16x23	96
VII	22	Jul	1954	Aníbal Nunes Pires, Salim Miguel	16x23	88
VII	23	Dez	1954	Aníbal Nunes Pires, Salim Miguel	16x23	96
VIII	24	Mai	1955	Aníbal Nunes Pires, Salim Miguel	16x23	96
VIII	25	Ago	1955	Aníbal Nunes Pires, Salim Miguel	16x23	96
IX	26	Fev	1956	Aníbal Nunes Pires, Salim Miguel	16x23	128
IX	27	Mai	1956	Aníbal Nunes Pires, Salim Miguel	16x23	128
IX	28	Dez	1956	Aníbal Nunes Pires, Salim Miguel	16x23	96
X	29	Jun	1957	Aníbal Nunes Pires, Salim Miguel	16x23	96
X	30	Dez	1957	Aníbal Nunes Pires, Salim Miguel	16x23	152

Especificamente sobre literatura, o principal encarregado por analisar e divulgar as obras na Revista Sul é o escritor Salim Miguel. Ele já está presente no primeiro número, onde Aníbal Nunes Pires explica a intenção da Revista com relação às artes, Salim Miguel faz o mesmo em relação específica à literatura.

Em sua coluna *Por Falar em Livros...* o primeiro artigo *P'ra início de conversa* em várias passagens Salim Miguel assegura que sua preocupação é com qualidade da obra e que não levará em conta quem escreve, se é famoso ou pouco conhecido, e nem partidatismo. Portanto, para o autor, em sua crítica, prevalecerá a sua aprovação ou não da obra analisada,

Ainda que o nosso melhor amigo escreva um “abacaxi”, diremos que é um “abacaxi”, E, do mesmo modo, elogiaremos o livro de um inimigo, se êle o merecer. E, ainda, tanto criticaremos um livro de escritor famoso, nome já feito, como elogiaremos uma estréia¹⁹.

No mesmo texto evidencia-se a rivalidade entre os modernistas e os não modernos. Onde Salim Miguel explicita uma das principais críticas dos modernistas aos “antigos” que é um excesso de preocupação com a técnica que eclipsa o conteúdo. Uma enorme riqueza na forma e uma grande pobreza no conteúdo.

Não cuidaremos tampouco de gramática, regrinhas e que tais. É preferível um livro com idéias, com alguma coisa, a um livro perfeito em gramático, em regras de fazer livros bem feitinhos e vasios²⁰.

Outro ponto em comum do texto de Salim Miguel com o de Pires é o reconhecimento que muitas obras modernas são decepcionantes. A diferença é que este fala de todas as formas de arte e aquele, especificamente da literatura. Salim Miguel deixa claro que há um limite ao afirmar “É preciso não confundir bagunça com liberdade” e cita alguns casos em que autores incorreram neste “crime”.

Nunca teremos coragem de, recomendar aos leitores, Suzanas (Nelson Rodrgiues) Flags, Senhoras Leandro Dupré e outros abacaxis. Disto estamos certos. Livros assim, se algum dia nos abalarmos em analisar, será somente para mostrarmos o quanto de irreal, de falso, eles contêm, e o mal que fazem²¹.

19 MIGUEL, Salim. P'ra início de conversa. *SUL Circulo de Arte Moderna*. Florianópolis, ano 1, nº 1, p.6, janeiro de 1948.

20 Ibidem, p.6.

21 MIGUEL, 1948, p.6.



O colunista acredita que há livros que nada acrescentam e até mesmo podem ser prejudiciais. Pelo teor da crítica os livros do trecho selecionado se encaixam nesse perfil. Em outro aspecto do seu artigo Salim Miguel busca uma interação com o público leitor ao informar que haverá na revista espaço para críticas de leitores. Também assegura que os textos assinados por eles serão de acordo com suas próprias opiniões, além de relativizar suas declarações ao afirmar que o livro analisado por eles não será nem bom e nem ruim, apenas que de acordo com suas percepções o consideram apreciável ou não. Assim, saem do pedestal em que muitos críticos se colocam.

Conclusão

Entre as intenções da criação da revista Sul pelo Círculo de Arte Moderna está abrir um canal de comunicação dos adeptos dessa forma de fazer arte com o público. Era possuir um espaço exclusivo não só de divulgação como também defender a arte moderna dos ataques dos seguidores do realismo-parnasianismo. Além de arrecadar fundos, por meio dos anunciantes, para publicação de obras, pois em termos de quantidade de obras publicadas o Grupo Sul foi muito mais produtivo que a geração anterior. Sem contar que na revista havia espaço para o leitor se fazer presente, como a possibilidade de ter suas críticas e opiniões publicadas.

A Revista Sul foi uma das mais longevas desse gênero, durou dez anos e teve trinta publicações. Durante esse período foi um veículo importante para viabilizar a publicação de obras de autores modernos, assim como para os tornarem conhecidos.

Referências

ANDRADE, Mário. *Mário de Andrade e o Movimento Modernista*. Disponível em: <<http://www.vermelho.org.br/noticia/175420-11>> Acesso em: 06/11/2016.

BOSI, Alfredo. *Céu, Inferno*. 3ª edição. São Paulo: Livraria Duas cidade, editora 34. 2010.

BOSI, Alfredo. *História Concisa da Literatura Brasileira*. 49ª edição. São Paulo: Cultrix 2013.

JUNKES, Lauro. *Anibal Nunes e o Grupo Sul*. Florianópolis: EdUFSC, Ed Lunardelli, 1982.



MIGUEL, Salim. P'ra início de conversa. In *SUL Círculo de Arte Moderna*. Florianópolis, ano 1, nº 1, janeiro de 1948.

PINSKY, Carla Bassanezi. *Fontes Históricas*. 3ª edição. São Paulo: Contexto, 2015.

PIRES, Aníbal Nunes. Apresentação. In *SUL Círculo de Arte Moderna*. Florianópolis, ano 1, nº 1, janeiro de 1948.

SABINO, Lina Leal. *O Grupo Sul*. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1979.

SILVA, Héverton Malagoli. *Modernidade, modernos e modernistas*. Revista Santa Catarina em História, Florianópolis – UFSC, v.1, n.2, 2007.

SOUZA, Manoela Nascimento. *Modernidade, modernos e modernistas*. Revista Santa Catarina em História, Florianópolis – UFSC, v.9, n.2, 2015.

SUL Círculo de Arte Moderna. Ano I – Florianópolis, janeiro de 1948. Disponível em <<http://www.vermelho.org.br/noticia/175420-11>>

Recebido em 15 de novembro de 2016

Aceito para publicação em 18 de abril de 2017

